

OLGA BENÁRIO, MINHA MÃE

ANITA LEOCÁDIA PRESTES
HISTORIADORA

Olga, grávida de sete meses, foi deportada para a Alemanha nazista pelo governo Getúlio Vargas, em setembro de 1936. Companhia dedicada de Luiz Carlos Prestes, meu pai, a quem salvara a vida quando ambos foram presos, pela polícia de Filinto Müller, em 5 de março daquele ano, no subúrbio carioca do Méier. Na ocasião, ela se interpusera corajosamente entre as policiais e o marido, impedindo o seu assassinato.

A deportação de Olga Benário Prestes e Elise Ewert - ambas militantes comunistas alemãs - foi um gesto de boa vontade de Vargas em relação a Hitler, expressando a aproximação então em curso entre os dois governos. Foi também vingança e castigo cruel impostos ao grande inimigo do regime varguista - Luiz Carlos Prestes, o "Cavaleiro da Esperança" para tantos brasileiros. Olga e Elise viajaram ilegalmente, sem culpa formada, sem julgamento nem defesa. Na calada da noite foram embarcadas num navio cargueiro, que partiu rumo a Hamburgo com ordens expressas de não parar em nenhum outro porto estrangeiro, pois havia precedentes de os portuários franceses e espanhóis resgatarem prisioneiros deportados para a Alemanha. Minha mãe ficou presa incommunicável na prisão de mulheres de Barminstrasse (Berlim), onde nasci, em novembro de 1936. Como resultado de importante e vigorosa campanha internacional pela libertação de Prestes e dos presos políticos no Brasil, assim como de Olga e de sua filha, fui entregue pela Gestapo à minha avó paterna - Leocádia Prestes, mulher valente e decidida, que encabeçava a campanha. Quando me separaram de minha mãe contava apenas 14 meses de idade. Não pude, portanto, guardar nenhuma lembrança dela. Logo depois, Olga seria transferida para outra prisão, em condições muito piores e, mais tarde, para o campo de concentração de Ravensbrück. Em abril de 1942, era assassinada numa câmara de gás no campo de Bernburg. A tragédia que atingiu Olga marcou minha vida. De que maneira? Poderia ter me tomado uma pessoa amargurada e descrente da humanidade, convencida de sua maldade intrínseca. Ou poderia ter me levado a pensar que os homens, embora em sua maioria não sejam maus, facilmente se deixam arrastar pela maldade de alguns. Sendo assim, não haveria por que acreditar no progresso da humanidade, não existiriam razões para qualquer otimismo em relação ao seu futuro.

Cresci e fui educada no seio de uma família comunista - a família de meu pai. Minha avó Leocádia, minha tia Lygia, que acabou sendo minha segunda mãe, meu próprio pai, minhas outras tias conduziram-me por outro caminho. Desde a mais tenra idade, foi-me mostrado o exemplo de meus pais - dois revolucionários comunistas que passaram por indescritíveis sofrimentos em nome de uma causa maior, a causa da emancipação da humanidade da exploração do homem pelo homem. Ou seja, nas palavras de Karl Marx, lutavam para que a humanidade ultrapassasse sua pré-história, ingressando na verdadeira história, fase em que seriam superadas as injustiças e desigualdades sociais, em que não mais existiria a alienação dos homens.

Desde cedo, aprendi com a vida de meus pais, com o exemplo de minha avó e, em especial, com martírio de Olga, que vale à pena lutar por um mundo melhor, mais belo e mais justo; que vale à pena ter esperança num futuro melhor para toda a humanidade. Aprendi que não devemos compactuar com a injustiça, que é necessário lutar contra ela e que, apesar de todas as dificuldades, das derrotas

Fotos Arquivo/DN



Olga Benário Prestes, esposa de Prestes

e sofrimentos, dos erros e dos fracassos, a humanidade caminha para frente, e os homens encontram maneiras de aperfeiçoar seus modos de viver. Hoje, na qualidade de historiadora que sou, entendo que esses ensinamentos recebidos na infância são verdadeiros: a história da humanidade nos mostra que o progresso é a tendência geral das sociedades humanas, embora se realize através de múltiplos e imprevisíveis retrocessos momentâneos, que por vezes podem durar muito, levando em conta o quanto a vida humana é efêmera.

Em suas cartas enviadas do cárcere, onde permaneci durante nove longos anos, meu pai revelava a preocupação de que eu soubesse que nem ele nem Olga se sentiam infelizes com a sorte que o destino lhes reservava. Pelo contrário, apesar dos sofrimentos, apesar da imensa tristeza de se encontrarem separados um do outro, longe da filha e das pessoas que mais amavam, consideravam-se felizes por terem consciência do dever cumprido. E nisso, para eles, consistia a mais completa felicidade.

Da mesma forma, minha mãe, nas poucas cartas que conseguiu mandar do cativo, expressava o desejo de que eu fosse uma criança feliz e alegre, orgulhosa de meus pais terem se empenhado na luta por um mundo melhor, sem queixas nem arrependimentos. Seu sacrifício não era maior do que o de milhões de outros seres humanos que, naquele momento, enfrentavam os horrores da noite fascista que se abatera sobre a nossa civilização.

Havia, contudo, uma diferença importante. Meus pais, distintamente de milhões de inocentes que, como Anne Frank, sofriam e morriam sem conhecer as causas de tamanha desgraça, tinham consciência do fenômeno fascista e do seu perigo para a humanidade. Por isso, haviam lutado contra ele com todas as suas energias. Derrotados arcamam com as consequências de seu gesto. Mantinham-se, porém, confiantes de que o fascismo e sua variante alemã - o nazismo - seriam vencidos, como de fato se verificou, com a derrota dos países do Eixo, no final da Segunda Guerra Mundial.

Sua confiança decorria da profunda convicção científica que ambos haviam adquirido ao estudar o marxismo e ao travar conhecimento com a experiência pioneira de construção de uma sociedade socialista na União Soviética. A teoria marxista do socialismo científico lhes permitia compreender que o fascismo não podia ser explicado apenas pela loucura de um homem ou pelas tradições autoritárias ou militaristas de algumas sociedades. O fenômeno fascista expressava basicamente a crise que o sistema capitalista atravessava nos anos

30, representava a resposta do grande capital ao avanço do movimento operário em países como a Itália e a Alemanha.

A construção do socialismo na URSS lhes mostrava a superioridade desse sistema social em comparação com o capitalista. Apesar de inúmeras dificuldades enfrentadas pelo povo soviético, situado pelas potências imperialistas, as grandes conquistas do socialismo já eram visíveis através da realização concreta dos direitos sociais alcançados pelos trabalhadores. Nenhum país capitalista fora capaz de resolver os problemas básicos do homem como em poucos anos o fizera o primeiro país socialista.

Naqueles anos terríveis, quando o fascismo tomava conta da Europa e a guerra revelava toda sua crueldade, poucos acreditavam na possibilidade de sua derrota. Posso orgulhar-me de que minha família - meus pais, minha avó Leocádia, minhas tias -, conhecedora da fibra do povo soviético, jamais tenha duvidado de sua vitória final no grande conflito que sacudiu o mundo. Essa confiança, aliada à compreensão do caráter profundamente retrógrado do fascismo, que o condenava, portanto, ao desaparecimento, permitiram aos meus pais resistir, com firmeza e sem perder as esperanças, às terríveis provocações a que foram submetidos durante aqueles anos tormentosos. Segundo os testemunhos de companheiros do campo de concentração, Olga jamais se entregou ao desespero nem ao conformismo, lutou até o último momento de sua curta vida, infundindo coragem e confiança no futuro em todos aqueles que a rodeavam.

Inspirada no exemplo de meus pais, mantenho firme convicção de que para impedir a repetição do genocídio cometido pelo nazifascismo é necessário não eludir suas causas mais profundas. Se o Holocausto foi um crime hediondo, o fascismo não se resumiu ao Holocausto. E isso precisa ser dito, para que as gerações atuais não se iludam com a mensagem, que lhes é insistentemente transmitida, de que o nazismo teria sido uma espécie de loucura coletiva, centrada no ódio irracional aos judeus.

Sim, milhões de judeus foram sacrificados, mas por que não denunciar também o sacrifício de tantas outras nacionalidades, como ciganos, russos, ucranianos, poloneses etc.? Como não lembrar, junto com Anne Frank, as milhares de crianças das regiões ocupadas pelos nazistas, que foram arrastadas, com seus pais, aos campos de concentração e às câmaras de gás? E por que não recordar que as primeiras vítimas do nazifascismo, os primeiros a serem presos, foram os comunistas e os social-democratas? Minha mãe foi deportada para a Alemanha nazista porque era comunista. A condição de judia constituiu apenas um agravante em sua situação de prisioneira.

Creio que renunciar ao exame dos determinantes econômicos, sociais e políticos do fascismo só pode ser prejudicial ao esforço de todos os homens e mulheres de bem, que desejam ver os horrores do passado sepultados para sempre.



Artigo transcrito do livro "Não Olhe nos Olhos do Inimigo"